Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 412

1 DE JUNHO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Estreiou-se na semana passada no theatro do Gymnasio uma companhia dramatica italiana cuja *estrella* e principal actrativo, o *clou* como se diz em linguagem theatral, é uma pequenita de nove para dez annos, chamada Dora Lambertini e que é realmente uma creança phenomenal, uma verdadeira *menina prodigio*.

N'este genero *d'enfant prodige* é na verdade extraordinaria a pequena actriz italiana, mas apezar d'isso a companhia tem sido infelicissima, o publico não concorre aos seus espectaculos, e o theatro tem estado quasi sempre deserto.

Eu disse apezar d'isso, e talvez devesse ter dito — por isso mesmo, porque creio que o insuccesso da companhia está precisamente no phenomenal talento da sua *estrella*.

E não posso de fórma alguma condemnar o publico que foge d'esse espectaculo, pela simples razão de eu proprio fazer o mesmo.

Fui ao Gymnasio na noite da estreia da companhia, applaudi muito a pequena actriz, causaram-me grande admiração os prodigios de talento que vi fazer, mas não voltei lá mais.

E não voltei lá mais porque esses prodigios de talento produziram-me um sentimento ainda muito maior que o da admiração que me causaram, produziram-me um profundissimo sentimento de desconsolo, de afflicção, de piedade e de dó.

E sahi do theatro tendo immenso dó d'essa pobre creança, que ás horas em que devia estar muito bem deitada na sua cama, sonhando com as suas bonecas, está mettida n'um palco a fazer rir ou chorar o publico, declamando umas tiradas mais ou menos imbecis, quasi sempre mais, que uns fazedores sem talento escrevem de proposito

EXPOSIÇÃO D'ARTE NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

CONDUCÇÃO DE CABRESTOS — Quadro de Silva Porto

(Segundo uma phototypia)

e sem nexo para explorar o talento d'essa creança, que estão anniquilando e annulando para sempre, e que n'uma precocidade terrivel, doentia, passa os mais ridentes annos da sua infancia a decorar, a aprender, a recitar phrases que não pode comprehender, a fingir sentimentos que não pode sentir, a contorcer o seu rostosinho infantil nas caretas das lagrimas á deixa, nos esgares da gargalhada pautada pela rubrica, á caça do applauso do publico que a envaidece com vaidades improprias da sua idade, que a faz orgulhosa, pretenciosa, tola, insupportavel.

O grande encanto das creanças é a expontaneidade, de todos os seus sentimentos, a franqueza, a sinceridade de todos os seus actos, e n'essas creanças — prodigios, a expontaneidade, a sinceridade a franqueza são alogadas, pela *soit disant*, arte que lhe mettem á força n'aquelle cerebro pequeno, são estranguladas pelo mestre, pelo ensaiador que lhe papagueia as phrases para ella reproduzir, que lhe faz os gestos para ella macaquear.

E por isso eu não posso ver sem um grande aperto de coração, uma creança a representar n'um palco, coisas que ella não pode nem deve comprehender. E quanto mais talento ella tem mais me afflige esse espectaculo pungente, pois mais pena me faz ter da grande actriz que essa creança seria um dia, se depois de mulher a vocação a impellisse para a scena e a arte lhe aprimorasse a intuição natural d'esse talento, que se está ali assassinando, anniquilando noite a noite, peça a peça, scena a scena, com culpavel leviandade de quem a dirige, com culpavel applauso do publico, com culpavel indifferença da auctoridade.

Que eu não sei nem posso comprehender o motivo porque a auctoridade permitte que assim se dê cabo d'um talento, se anniquile uma intelligencia, se atrophie um cerebro, submettendo-o precocemente a um trabalho com que elle não pode, para que não tem forças nem elementos, por mais excepcionalmente bem organisado que seja.

O legislador previu este crime de lesa intelligencia, marcando a idade em que é permittido submetter um cerebro infantil a certos estudos.

Ora se não é permittido a uma creança fazer exame de certas disciplinas antes de uma determinada edade, como é que se permitte que em qualquer edade, uma creança seja submettida ao trabalho brutal de estudar e representar uma porção enorme de dramas, comedias, cançonetas, trabalho ao pé do qual o tão fallado *surménage* das escolas é positivamente uma brincadeira de creanças?

E estas nossas reflexões não as fazemos apenas a respeito da pequena Dora que actualmente está no Gymnasio, fazemol-as a respeito de todos os *phenomenos artisticos* que por ahi tem apparecido desde a Gemma Cuniberti até á nossa pequenina Libania, do *Rogerio Laroque*, porque nós tambem cá temos o nosso *enfant prodige*.

A respeito d'esta que é nossa, que vive em nossa casa, de ha muito que andamos com vontade de fallar em nome da arte e em nome da humanidade.

A nossa Libania não fica a dever nada em precocidade á Gemma Cuniberti nem á Dora Lambertini e pode mesmo dizer se talvez que tem ainda mais do que esta o sentimento do theatro, a advinhação da situação theatral.

No *Rogerio Laroque* a pequena actriz portugueza deu prova evidente d'uma vocação artistica verdadeiramente excepcional, mas em frente d'essa vocação o que havia a fazer não era de forma nenhuma atrophiar aquelle talento nascente nas labutações quotidianas da especulação mercantil; o que havia a fazer era ir educando pouco a pouco essa intelligencia infantil, espreitar com cuidado, com sollicitude o momento de começar a cultivar esse talento, a preparar o seu desabrochamento quando chegasse o periodo da maturação, de modo a fazer da pequena habilidosa de hoje, a grande artista de amanhã.

E' isto o que se tem feito? Parece bem que não, e com bastante magua o digo.

A empreza do theatro de D. Maria que conta na sua direcção verdadeiros artistas e verdadeiros mestres, comprehendeu bem esta verdade e não quiz continuar a explorar em proveito immediato seu, com certeza, mas em desproveito manifesto da pequena actriz, as suas poderosas qualidades precoces; mas se a empreza de D. Maria teve este intelligente escrupulo, esta honrada isenção, o seu exemplo nem por todos tem sido seguido e infelizmente temos visto mais d'uma vez e em varios theatros annunciados espectaculos com a phenomenal creança.

Para isso ha uma razão terrivel é verdade, a necessidade, a fome, mas se assim é parece-nos que era uma grande e benemerita obra de justiça, tratar de, por qualquer modo, ou particularmente ou officialmente, garantir os meios de subsistencia a essa creança e á sua familia, os meios de ella se poder educar cuidadosamente, intelligentemente na arte para que mostra tão dedicada vocação, afastando-a por emquanto absolutamente do theatro.

Perdia-se n'isto hoje a exhibição d'uma *creança prodigio*, é certo, mas ganhava-se quasi com certeza para amanhã a creação d'uma actriz prodigiosa.

Os meninos prodigios na arte dramatica tem, alem d'este inconveniente para elles, que é o mais grave, o do atrophiamento das suas faculdades intellectuaes, um inconveniente terrivel para o publico: — o seu reportorio.

Eu não conheço nada de mais chato, de mais imbecil, de mais massador em theatro que o reportorio dos meninos prodigios, das creanças phenomenaes.

Como o que ellas fazem não tem nada que vêr com a arte, porque não ha arte sem consciencia e todo o trabalho d'essas creanças, por mais precoce que seja o seu talento, não pode deixar de ser inconsciente, o que ellas fazem não passa de habilidades.

Os dramaturgos de talento, os homens de lettras serios não descem a fazer obras de fancaria, peças de medida, para a exploração d'essas creanças, e d'ahi o seu reportorio ser exclusivamente fornecido por meia duzia de auctores infelizes, de fazedores desastrados, que arranjam uns *recueils* idiotas de todas as situações estapafurdias, que podem servir de ensejo a essas pequenas estrellas para mostrarem as suas habilidades.

O reportorio de Gemma Cuniberti, e agora o da Dora Lambertini não desmente de modo nenhum esta nossa opinião, pelo contrario justifica-a amplamente com os abrimentos de bocca, o aborrecimento somnolento, a fadiga e a indifferença com que o publico ouve essas peças, que se distinguem pela absoluta falta de talento, de interesse, de originalidade e d'arte.

E impossivel fazer-se uma peça boa, interessante, alegre ou commovente para uma creança ter um papel importante? Cremos que não, mas o que é certo é que até hoje no reportorio exclusivista d'esses extranhos prodigios ainda não vimos nenhuma.

Era mesmo possivel sem estrangular, sem annular as faculdades precoces d'essas creanças, aproveitar as suas tendencias, fazendo as representar algumas peças, mas era necessario que essas peças fossem feitas com uma finura extrema, com um cuidado intelligentissimo de não obrigar as creanças a trabalhos superiores ás forças do seu cerebro, com a arte delicadissima de não lhes fazer reproduzir senão sentimentos proprios da sua edade, que já tivessem experimentado e portanto podessem repetir sem esforço intellectual, com perfeita e nitida comprehensão do que estavam fazendo.

Mas peças assim são tão difficeis de encontrar como é difficil de encontrar uma d'essas actrizes pequenas que tenha depois chegado a ser uma grande actriz.

Fallámos na ultima chronica da graça que El-Rei concedeu a um artista eminente — o actor Valle, e a um medico distinctissimo: — o dr. Lourenço da Fonseca, e hoje temos o prazer de registar o nome de mais um agraciado em quem a distincção regia cae perfeitamente — o actor Augusto Rosa, que acaba de ser agraciado com o habito de cavalleiro de S. Thiago.

Augusto Rosa é hoje uma das nossas summidades artisticas. Actor distincto já ha muitos annos, o seu trabalho que ás vezes era muito bom, era outras vezes prejudicado por uma affectação, um maneirismo, que não faziam esquecer o seu bello talento, mas que lhe empanavam um pouco o brilho.

N'estes ultimos tempos Augusto Rosa libertou-se absolutamente de todos esses pequenos defeitos e está um actor completo, notabilissimo, irreprehensivel.

Os seus dois ultimos papeis feitos n'esta epocha são prova brilhantissima do que affirmamos e collocam-n'o a par dos mais illustres actores portuguezes.

O papel de genro na *Belle Maman* de Sardou, é uma verdadeira obra prima. Não se representa melhor aquelle papel em parte nenhuma, e bastaria a scena do duello feita por elle e por João Rosa para cobrir de gloria estes dois artistas e fazer a sua reputação na propria *Comedie française*.

Depois da *Belle Maman* Augusto Rosa creou o papel de Simão Peres no *Affonso VI* de D. João da Camara, e essa creação do illustre artista é completa, magnifica, impeccavel, e ficará na historia do nosso theatro ao lado das creações artisticas mais notaveis dos nossos grandes actores.

Como se vê o cofre das graças regias tem sido aberto agora em hora feliz, e felicitamos vivamente Augusto Rosa por essa distincção de que elle, pelo seu grande talento e pelo seu constante estudo tão digno é.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO D'ARTE NO PORTO

(Continuado do n.º antecedente)

Das duas paizagens que exhibiu, a melhor é sem duvida a que se intitula «Arredores de Lisboa.»

Eduardo de Moura expoz dous quadros de genero, em que ha revelações de um talento prometedor.

Adolpho Nunes deu-se ao trabalho de pintar a torre da capella das Mercês, em Lisboa, assumpto realmente extravagante para um quadro.

A «Margem do Tejo» é bonita e pintada com acerto.

Julio Ramos apresentou diversas paizagens e um quadro de genero representando uma menina manchando em uma esphera terrestre a parte relativa á Inglaterra. Esta pintura pouco mais se recommenda do que pelo pensamento do assumpto.

Das paizagens, ha algumas executadas com habilidade, taes como o «Crepusculo»», «Caminho de aldeia», «Logar do Pisão» e «Estudos de Paizagem». Certas inexperiencias que se notam n'esses quadros deverão desapparecer de futuro com o estudo e com as boas qualidades de artista que Julio Ramos revella.

Castro Rocha é tambem um novo, com tendencias felizes para a pintura. Ha bastante irregularidade, pouca observação e mesmo manifesta inexperiencia, sobre tudo em dous quadros de genero que expoz, mas esses defeitos deverão certamente desapparecer com o tempo.

João Augusto Ribeiro fez um completo *fiasco* com o seu quadro «No campo» uma rapariga no meio de um pedaço de paizagem. Quiz pintar ao sol, sem conhecer as difficuldades que para um inexperiente apresenta essa escolha de assumpto, e o resultado foi dar-nos uma mulher com uma cara de vermelhão, que afflige. O que diz respeito á paizagem não está mal tratado, mas tudo diminue de merecimento perante aquella figura extravagante.

Costodio da Rocha expoz dous costumes das nossas aldeias, que se bem não apresentem nada de extraordinario, não deixam comtudo de estar regularmente pintados.

Bellissimo, o retrato de homem ainda moço, exhibido por Alfredo Nunes dos Santos: É o melhor da exposição. A factura é delicada, suave o collorido e irreprehensivel a simílhança. Não estamos muito habituados a ver assim tratado o retrato pelos nossos artistas.

Almeida e Silva apresentou quadros em diversos generos, mas o principal é o que se intitula «A' lareira». Uma mulher velha sentada junto de uma fogueira, cujos reflexos sanguineos se reflectem na phisionomia e parte do corpo da figura. É de uma observação muito feliz, o modo como as chammas se reflectem no vulto, que está tratado com muita intelligencia. O quadro devia porém ter pelo menos mais um palmo de altura, porque toda a scena se amesquinha um tanto no espaço restricto em que está executada. Uma nota infeliz é o gatito que se vê junto da velha, infeliz porque o pequeno animal parece de barro pintado.

O retrato de senhora, resente-se da motonia e da dureza com que o rosto está desenhado. Além d'isso a attitude é mais de uma senhora Angot, do que de uma dama.

Agradavel a paizagem intitulada «Bucolica». Um tanto convencional, sem duvida, mas interessante pelo effeito e contrastes de tom.

O mesmo artista tem mais algumas flores bem pintadas, sendo do mesmo o quadro intitulado «Manjar dos anjos».

Rodrigo Soares enviou o seu conhecido quadro «Oiseau envolé», que esteve o anno passado no *Salon* de Paris.

Luiz Katzenstein expoz dous quadros de genero. Nunca podémos sympathisar com os trabalhos d'este artista. Tudo aquillo é amaneirado, sem vida, sem côr.

Eduardo Teixeira tem um retrato de senhora e um quadro intitulado «O fim da estriga».

É pena realmente que a figura da rapariga da aldeia, ficando, tão bem desenhada, e com trechos de uma observação tão justa, apresente um

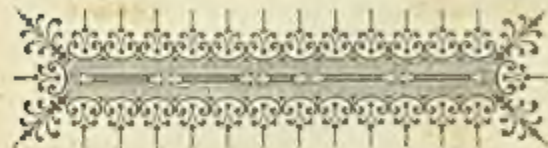
colorido frouxo, sujo, que lhe tira toda a belleza de aspecto. O *gris* levado áquelle excesso, dá resultados fataes para a pintura.

O *retrato*, está feito com maior rigor de colorido.

Torquato Pinheiro apresentou-se com uma abundante collecção de pequenas paizagens. Ha em todas ellas qualidades que não podem passar desapercebidas, mas em muitas, sente-se a falta de individualidade artistica, grande monotonia de côr e talvez demasiada minucia em pequenos pormenores.

Torquato Pinheiro póde dizer-se que começa agora a tratar a pintura com maior dedicação e d'esta modo os erros que pratica hão de desapparecer, porque os seus meritos e illustração assim o fazem presumir.

Trate a paizagem com a vida e sentimento com que tratou, por exemplo, aquelle pedaço do Palacio de Crystal e verá o exito que obtem.

(Continúa) *Manoel M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

O BANQUETE OFFERECIDO PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA AOS EXPLORADORES PORTUGUEZES

A Sociedade de Geographia de Lisboa, offereceu um banquete aos exploradores portuguezes, que ultimamente regressaram a Lisboa, os srs. Serpa Pinto, Antonio Cardozo, Victor Cordon e Paiva de Andrada.

O banquete realisou-se em a noite de 19 do mez que acabou, no salão de entrada do Real Theatro de S. Carlos convenientemente preparado para esse fim.

A decoração da sala estava de deslumbrante effeito, e foi artisticamente dirigida pelo distincto engenheiro o sr. Mendes Guerreiro, auxiliado pelos srs. Julio Daveau e Coutinho conservador do museu da Sociedade de Geographia.

Nas paredes da sala por sobre as portas e nos vãos d'estas entremeavam-se tropheus de bandeiras colhidas com os escudos das differentes provincias e cidades da Africa Portugueza, com panoplias de armas africanas e a um dos topos da sala via-se a bandeira da Sociedade de Geographia disposta em diagonal e colhida por um escudo das armas portuguezas, no outro topo estava a bandeira portugueza egualmente disposta. Por toda a sala havia profusão de plantas decorativas e nos quatro angulos magnificas palmeiras saindo d'entre um massiço d'outras plantas.

Ao centro da sala erguia-se um soberbo feto arboreo, de enestimavel valor, em volta do qual estava posta a meza em forma de ferradura, para 130 talheres, e em que brilhavam os crystaes e as flôres em larga profusão.

A illuminação electrica completava os esplendores da sala, devendo ainda notarmos que pendententes do grande feto arboreo que adornava o centro da casa, se viam alguns pequenos globos escandecentes, como luminosos pomos, que produziam um effeito phantastico.

Nos vãos das portas do atrio e no grande corredor, destinado ao serviço de café, achavam-se dispostas muitas plantas de estufa, e á entrada da porta um grande tropheu de objectos africanos.

Uma excellente orchestra dirigida pelo maestro Quilloz executou um escolhido reportorio.

A ementa, em logar de *menu*, era feita em portuguez e primorosamente illustrada com desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro.

Ao banquete, que foi por subscripção, assistiram grande parte dos membros da Sociedade de Geographia e direcção, muitos cavalheiros do alto commercio e finanças, marinha, litteratura, etc., tendo só havido os convites aos quatro exploradores, ao sr. presidente de conselho e ministro da marinha e aos ex-ministros da marinha os srs. conselheiros Barros Gomes e Ressano Garcia.

Por motivo de doença e de serviço não compareceram o sr. presidente do conselho nem nenhum dos srs. ministros convidados.

O explorador sr. Paiva de Andrada tambem não compareceu por se achar muito doente.

O banquete correu muito animado, trocando-se varios brindes que se achavam marcados e distribuidos, podendo-se asseverar que foi uma das mais brilhantes festas que se tem realisado n'estes ultimos tempos em Lisboa.

Esta festa, que principiou pelas 7 horas terminou ás 10 horas e meia da noite.

A nossa estampa, feita sobre *croquis* do nosso collaborador artistico o sr. Freire, dá perfeita idéa do brilhante aspecto da sala, assim como reproduz a elegante ementa a que nos referimos.

O NOVO THEATRO D'ALEGRIA

Não conheço nada mais difficil do que escrever dependente de elementos sujeitos, geralmente, ao acaso ou á vontade de quem, a seu talante, dispõe d'elles. O nosso OCCIDENTE, porém, sempre primou em distinguir o verdadeiro merecimento, onde elle effectivamente resida, animar industrias nascentes ou desprotegidas, preparar emfim, por todos os modos, o nosso povo, para o seu revivescimento nacional, iniciados nos centenarios e habilmente indicado por essa brutalidade ingleza que fica impres-a na historia com a data de *11 de janeiro de 1890*.

O *Theatro da Alegria*, que nos dizem ser propriedade dos srs. Castanheira e Barata, é construido de ferro e madeira. O seu risco é do nosso amigo João Augusto Barata.

E' certo porém que a bizarra confortallidade da salla de espectaculos pertence á sabia direcção do sr. Antonio Augusto da Silva, que presidindo aos trabalhos de construcção d'aquella elegante salla, é actualmente o machinista do mesmo theatro.

Durou a construcção e acabamento geral do theatro, approximadamente cinco mezes, por isso que tendo começado os trabalhos em agosto de 1889, era o theatro aberto á frequencia do publico em 11 de janeiro de 1890, com a revista do anno de 1889, *FF e RR*, escripta pelo nosso amigo Baptista Machado.

Em 6 de março representou se *A Torpeza*, de que é auctor o distincto official do exercito, sr. Antonio Campos Junior. Esta peça, como todos sabem, além de tornar conhecido, de um modo sympathico, o nome do seu auctor e uma actriz que na *Torpeza* se estreiou, a sr.ª Cerri e Aragonez, tornou sobre tudo muito conhecido o theatro d'Alegria de que hoje damos o desenho.

Tem-se representado n'este theatro até 11 de maio, sob a exploração das pessoas que indicámos no começo d'este artigo, e além das que já citamos as seguintes comedias novas: *Diabo no corpo*, original de R. Ferreira, *Um dente furado*, original de Vidigal Salgado, e *reprise* de outros.

Quando se inaugurou a companhia do theatro d'Alegria figuravam n'ella o talentoso actor Joaquim d'Almeida, o nunca esquecido *Bergeret* do drama *Lazaristas* do sr. Antonio Ennes, e as actrizes Augusta de Mello, Cerri e Aragonez, esta ultima desempenhava na *Torpeza* o papel de *Historia*.

Parece que ultimamente o actor Joaquim d'Almeida foi substituido por um outro artista, o sr. Conde (que não conhecemos) que nos dizem ser um actor moderno de grande vocação, e que, bem dirigido, pode tornar-se um dos nossos bons artistas dramaticos.

Actualmente, consta-me que este theatro está sendo explorado pelos artistas constituidos em sociedade.

A salla é elegante, como dissemos, e dispõe dos seguintes logares: quatro frizas; doze camarotes, n'uma só ordem; cento e vinte e seis cadeiras de *balcão*; trezentas e quarenta de platéa; e cento e vinte seis logares na galleria que fica ao fundo do balcão, em amphitheatro.

O palco tem a altura precisa para os *pannos* subirem sem se dobrarem. O comprimento do theatro é de trinta e seis metros, a largura de oito e a altura de doze metros. Proximo ao theatro ha um grande salão para pintura, onde se podem estender quatro pannos.

Depois do antigo theatro das Variedades e do velho *templo da arte* mais profanamente conhecido pelo de *Rua dos Condes*, é decerto o theatro d'Alegria o que melhor preenche a falta de theatros populares, proprios para verão e inverno, assim como que um divertimento de *meia estação*

M. B.

O PINTOR D. CASTO PLASENCIA

Não logram muita vida os grandes artistas na peninsula. Em Hespanha como em Portugal os previlegiados da arte, raro lhes encanecem os cabellos manejando a palheta ou o cinzel, cultivando as musas ou vivendo no palco os personagens das grandes consepções dramaticas, emfim os que vivem a grande vida do espirito nas suas mais brilhantes e extraordinarias manifestações.

E' assim que nos dois paizes da peninsula os grandes artistas desapparecem no tumulo no vigor da vida e do talento, quando a arte lhes dispensava os seus melhores sorrisos, lhes preparava as suas maiores glorias.

Acodem-nos estas reflexões ao recebermos a noticia da morte do grande pintor hespanhol D. Casto Plasencia, um novo e glorioso artista, que, como Rosalles Fortuny, Zamacois e outros, se foi a repousar entre os cyprestes.

As obras de Plasencia são bem conhecidas na peninsula. Na nossa Academia de Bellas-Artes de Lisboa existe um pequeno quadro d'este artista «Un Vaquero» que o OCCIDENTE reproduziu em supplemento ao seu n.º 143, mas este quadro, notavel no vigor e colorido da figura, é todavia dos mais somenos de Plasencia.

Outras obras illustram a vida do grande pintor e d'ellas nos dá noticia o nosso collega de Madrid *La Ilustracion Espanola y Americana*, com o mais levantado elogio, dizendo:

«O grande artista já se tinha revelado [1] e as suas successivas obras eram formosas composições de verdadeiro genio, de vigoroso desenho e finura de tom: pintou um magnifico retrato da sempre lembrada rainha Mercedes; pintou magnificas telas para o palacio do sr. marquez de Linares, como as intituladas *Scherzi d'amore*, *La Noche*, *El Tocador de Venus*, *Blazon*, *Nobleza*, *Anacreontica*, *Venus aerea*, *Psychis conducida al Olimpo*, inspirado em uma passagem de Ovidio; pintou retratos e aguarellas preciosas, como *El Trovador*, para o album da princeza imperial da Allemanha, *El viejo verde* para o do banqueiro D. Adolpho Calzado; e entre os seus quadros de genero, que são muitos, sobresaem: *El Vaquero*, que executou para um museu de Portugal, [2] que lhe valeu o diploma de cavalleiro da ordem de S. Thiago, do reino visinho, e as suas scenas austurianas (algumas reproduzidas já nas paginas d'este periodico), lindissimas composições de surprehendente caracter local, cheios de sentimento e delicadeza, como as denominadas *Dios mio! arribaran?* *Adan y Eva*, *San Esteban de Pravia*, *La Fuente del Castañeu*, *Esperando vez*, *El Mentidero*, *En la fuente de Roque*, e outras.»

Mas não se limita a estas obras a actividade e o talento de Plasencia. Uma outra obra colossal que fará viver o seu nome por longos tempos, constitue a principal gloria do artista: são as suas pinturas religiosas no famoso templo de S. Francisco o Grande.

E' ainda o seu biographo que diz:

«Cinco annos durou o trabalho de D. Casto Plasencia na egreja de S. Francisco o Grande, e acredita-se firmemente ao contemplar-se essa maravilhosa obra, que nem por um instante se offuscou em tão largo periodo a inspiração do artista, porque não ha em em toda ella um traço que denuncie vacilação ou desanimo, nem uma mancha que revele frieza ou pressa; obra sublime que immortalizára o seu auctor, e que foi premiado expontaneamente pelo governo com a gran-cruz de Isabel a Catholica.

D. Casto Plasencia nasceu em Cañizar (Guadalajara) em 1846, e era filho de um distincto medico, que apenas legou a seu filho o seu nome honrado e o manuscripto incompleto de uma obra sobre Medicina.

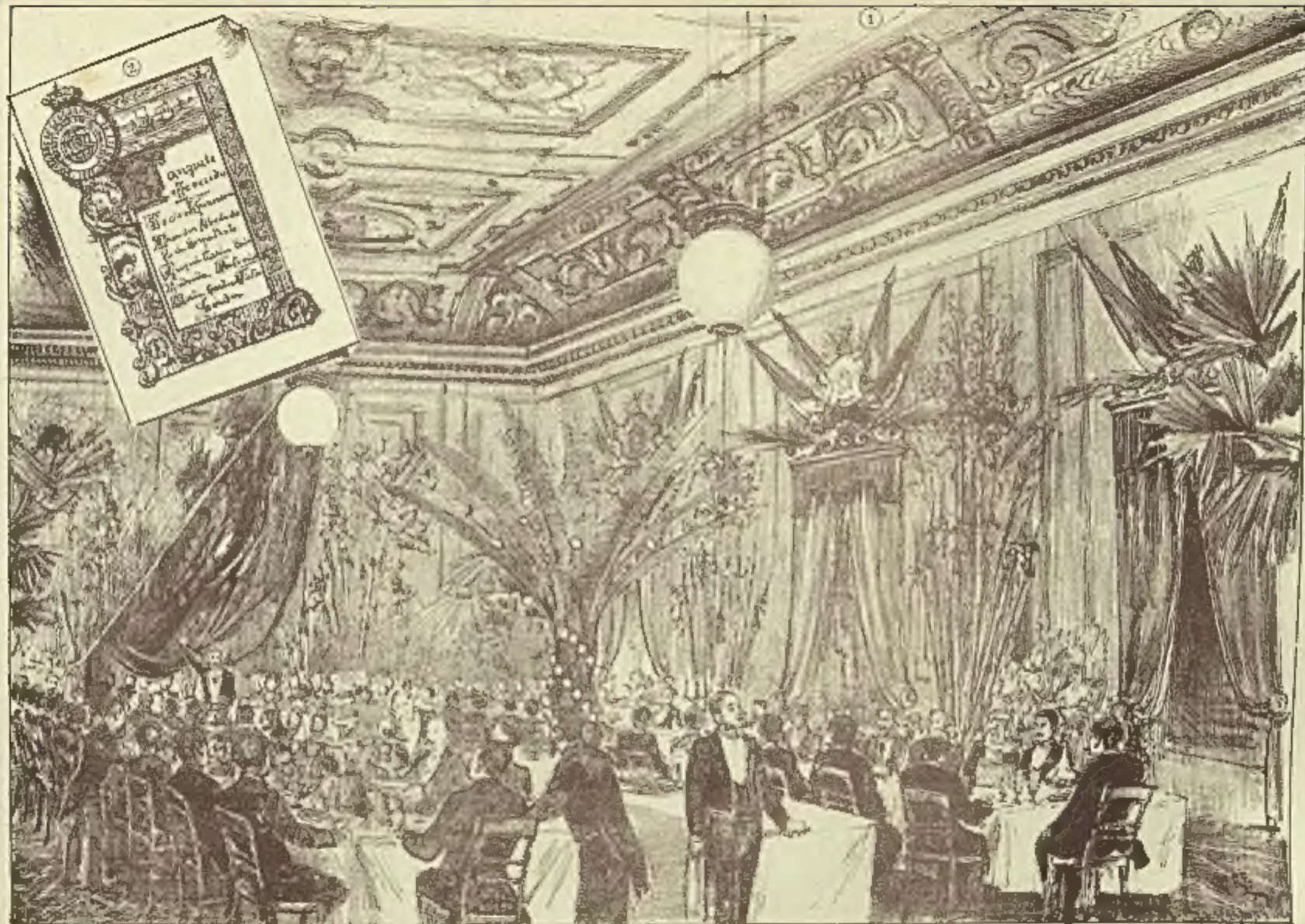
Orphão e sem recursos, o pequeno Plasencia encontrou no general Sandoval y Arcaina um protector que o mandou educar e lhe encaminhou os seus primeiros passos para a carreira das artes, por ter reconhecido no seu pupillo a mais decidida vocação para a pintura.

Destinguiu-se Plasencia nos cursos que seguiu, e de tal modo que, ao terminar o segundo anno, o governo lhe estabeleceu, como premio da sua applicação e talento, uma pensão annual de mil pesetas.

Algum tempo, porém, depois d'isto, morreu o seu protector e com elle se foi a protecção official, de modo que o governo, que então estava no poder, entendeu dever retirar a pensão que dava ao joven artista.

Atravessou Plasencia uma epocha angustiosa, cheia de difficuldades para proseguir nos seus estudos até que, em 1873, tendo o governo de Castellar criado em Roma a Academia Hespanhola de Bellas-Artes, e abrindo concurso para pensionistas que n'ella quizessem ir estudar, D. Casto Pla-

[1] Refere-se ao seu quadro *Origenes de la Republica Romana*, que lhe valeu a 1.ª medalha na exposição nacional de Madrid em 1878.

[2] E o quadro a que nos referimos e dissémos existir na Academia de Bellas Artes de Lisboa.

BANQUETE OFFERECIDO PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, AOS EXPLORADORES PORTUGUEZES, no salão do theatro de S. Carlos, em a noite de 19 de maio de 1890

(Desenho por L. Freire)

sencia foi dos primeiros a concorrer e a alcançar a primeira pensão, por voto unanime do jury.

Em Roma continuou a sua carreira gloriosa, ganhando os primeiros premios na secção de pintura, e foi ali que pintou o seu notavel quadro *Origenes de la Republica Romana*.

Regressando a Madrid, estabeleceu o seu *atelier* em uma modesta casa da rua de S. Bernardo, onde produziu as preciosas telas que illustraram o seu nome entre os dos mais notaveis pintores modernos, e onde criou novos artistas seus discipulos.

Ha dois annos estabeleceu um novo *atelier* na passagem de Alhambra, e este *atelier* póde-se considerar um dos melhores de Madrid, vasto e luxuosamente mobilado, como são em geral os *ateliers* dos grandes artistas, nos grandes centros das artes.

Ali era Plasencia visitado pelos homens mais illustres nas sciencias, na politica, nas artes e nas letras e pela nobreza de Madrid, incluindo a rainha Regente.

Os ultimos trabalhos que Plasencia deixa são: *Daphnis y Cloe*, joven grega que arranca o cinto da tunica para mostrar a seu innocente amante encantos que nem elle sonhára; *La vuelta del trabajo*, uma camponeza que regressa a sua humilde morada levando á cabeça um cesto cheio de verdura; *En la fuente de Roque* e *La fuente del Castañeu*.

Foi no meio d'esta vigorosa producção do talento de Plasencia que a morte o surprehendeu com uma fatal pneumonia, levando o artista para o tumulo e deixando o seu *atelier* ermo d'aquelle grande espirito que o enchia com as suas famosas producções.

O NOVO THEATRO D'ALEGRIA — 1 Sala de espectaculo — 2 Vista exterior

(Desenho por L. Freire)

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS EM PORTUGAL E FRANÇA)

II

O suspeito

(Continuado do n.º 409)

Começara de formar-se no espirito de Gomes Freire a idéa de que seria impossivel a rehabilitação de Portugal, emquanto entre nós imperasse o estrangeiro. De animo vigoroso, coração quente, não sabia ser hypocrita. E, n'um meio monastico como o que então assoberbava o paiz, a irritação de caracter de Gomes Freire era perfeitamente natural.

De facto, nos dias 24 e 25 de julho de 1803, já o general demonstrara praticamente não poder supportar tanto estrangeiro dominando no paiz; francezes emigrados, inglezes, allemães, hespanhoes, etc. No dia da festa de Nossa Senhora da Piedade no sitio de Campo d'Ourique em Lisboa, deu o general Gomes Freire voz de prisão ao francez Grosson como principal auctor dos disturbios. Ora este sr. Grosson era ajudante do real corpo de policia de Pina Manique. Imaginem o que d'aqui resultou! N'esta sedicção entraram a legião do Marquez de Alorna, e o regimento *Freire d'Andrade* que se aquartelava em Campo de Ourique, onde hoje está o regimento n.º 16 de infanteria.

Gomes Freire, o heroe da guerra de 1793 e da de 1801 foi preso na Torre de Belem, e o seu regimento composto ainda dos bravos que haviam invadido os Pyreneos francezes até Perpignan e batido os hespanhoes na Galliza, esses briosos soldados que tanto honraram o nome portuguez, foram desterrados em massa para Cascaes, por se terem batido contra o corpo de policia composta em grande parte de estrangeiros e commandado por um francez!

Então, o *suspeito de francez* prendia mr. Grosson e batia-se contra os francezes da policia, unicamente pelo facto de não querer *francezes* ou quaesquer outros estrangeiros mandando na sua patria.

Pela intervenção em favor de Gomes Freire de Andrade, do duque de Sussex então em Lisboa, se prova que os tumultos de julho de 1803, *eram symptomas da impressão desagradavel, causado no animo dos portuguezes pela preponderancia que o elemento estrangeiro ia tomando em Portugal*, trazendo-lhe muitas humilhações sempre infligidas pelos governos estrangeiros.

*
* *

Quatro annos depois era Portugal invadido, sem resistencia da nossa parte, pelos soldados de Napoleão I e formava-se a legião luzitana á frente da qual estavam os generaes Gomes Freire e marquez de Alorna.

É preciso accentuar que aquelles que se encorporaram em 1807, na Legião luzitana, não iam exclusivamente servir os interesses francezes, por isso que obedeciam ás ordens de S. A. R. o principe regente D. João.

As auctoridades do paiz *mandavam* que os francezes fossem bem recebidos e tratados como ami-

gos pelo povo portuguez. Poderia ser alcunhado de traidor quem obedecesse ás ordens do principe regente D. João ? ! . . .

Ora Gomes Freire, que estivera ao serviço da Russia, primeiro, e depois da Hespanha com applauso de muitos e admiração de todos, não podia ser censurado por servir a França que no seu exercito tinha o rei de Napoles e o rei de Hespanha.

De resto n'aquella epocha todos os homens illustrados e designadamente a côrte, tinham como impossivel a lucta contra Napoleão, estava-se convencido que Portugal fôra riscado do numero das nações independentes. E assim se pensava de facto na côrte do Rio de Janeiro, que já não via no velho Portugal senão uma colonia do imperio francez.

Para se fazer uma idéa do estado de aviltamento a que chegara o espirito publico, quando em 1807 a familia real fugio para os estados do Brazil, basta transcrever de um escriptor do tempo, o seguinte:

«Tomou o nosso principe a heroica resolução de se embarcar com toda a familia para o Brazil.» . . . . . «Carlos V quiz partir para o Mexico. Os senhores D. João III, D. João IV, D. Pedro II e D. José I, todos quizeram partir para o Brazil, mas esta gloria estava só reservada para o nosso amado principe. . . .», etc., etc.

Para que os meus leitores melhor comprehendam o estado do espirito de Gomes Freire, ante esse desmoronar assim de uma tão gloriosa nacionalidade, vamos transcrever da *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas o seguinte periodo que dá o verdadeiro estado moral da nação n'aquelle tempo.

«A politica seguida n'essa grande crise européa, pelo governo portuguez, não poderia ser effectivamente nem mais desastrada, nem mais inepta, nem mais infamante. Entendemos que, acima de todas as considerações de poder ou de fraqueza está o brio ou o pundonor nacional. Uma nação não se sujeita a humilhações aviltantes, sejam quaes forem as consequencias que d'ahi lhe possam resultar. As baixezas, com que o governo do principe regente comprou uma tranquillidade precaria, ainda hoje nos fazem corar de vergonha. A sua subserviencia para com o arrogante Lannes, as suas supplicas, o pagamento de quinze milhões de francos para comprar o direito de ser neutral, a sua obediencia ás ordens de Napoleão, ainda ás que mais repugnavam á consciencia do soberano, obediencia que demais a mais era fingida — porque as humilhações, a que desciamos para comprazer com a França, tinham como contrapezo as humilhações não menores, a que baixavamos para não descontentarmos a Inglaterra — tudo isso constitue uma serie de villanias, que deshonram, de um modo realmente escandaloso, a historia portugueza, que resplandece com tão nobres feitos e tão gloriosas acções.»

Poderia pois uma personalidade do altissimo valor do general Gomes Freire ficar indifferente? Era possivel que um patriota, um luctador como o bravo de Ceret e Oichakov, não se revoltasse violentamente contra essa deshonrosa politica que enodoava a nação portugueza ? ! . . .

Pois se os homens de hoje, como Pinheiro Chagas, se sentem indignados, vehementemente, contra os que n'aquelle tempo produziram as desgraças da patria, como se pode comprehender que o espirito superior de um general cheio de bravura e intelligencia ficasse indifferente ao baquear de todas as franquias nacionaes !

Alem de que o general devia ter sentido mais de uma vez como que a miragem do futuro: — o sacrificio de 1817, a desforra de 1820 e a esplendida aurora de 1834 ! . . .

(Continua) *Manoel Barradas*

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 411)

Entretanto dado mesmo o caso de não haver engenheiros machinistas, é preciso arranjal-os, ainda até agora nada nos consta que se tenha feito a tal respeito, e continuamos a vêr nos poucos vapores de marinha mercante que temos, engenheiros estrangeiros, e muito especialmente inglezes; é assim que tratamos de animar as artes, porém não nos deve isso admirar, basta para exemplo o impulso que temos dado á marinha. Agora um exemplo bem recente, apparece um grupo de individuos que animados da melhor boa vontade fundam a Mala Real Portugueza, pedem um subsidio, é-lhe dado, porém não na relação directa das necessidades que tem uma empreza d'aquella ordem, deram-lhe um subsidio pequeno, pelo menos attendendo a que é uma empreza portugueza que se propõe substituir as outras emprezas estrangeiras na navegação para as nossas Africas oriental e occidental, e em concorrencia com ellas que já estão poderosas á custa dos interesses que lhes temos dado, e que agora forçosamente nos hão de guerrear. E' o caso de fazer fogo com a polvora do inimigo.

Que temos nós que respeitar interesses inglezes ou allemães, quando primeiro deviamos attender aos do nosso paiz ! Porque não animam os nossos governos, (sem que queiramos fazer politica) a navegação mercante, d'onde está provado que advem grandes interesses ás nações ! Porque o dinheiro não chega para tudo, e ou se hade pensar n'outros gastos, ou n'estes, embora elles representem um bem para o paiz. A Mala Real está sendo prejudicada por interesses allemães e inglezes, paciencia. Callamo-nos sobre este ponto porque tendo tratado de marinha simplesmente, não queremos que pela independencia de nossas apreciações alguem possa julgar que defendemos estes ou aquelles.

Proseguindo na apreciação da nossa marinha, vêmos que esta é deficiente, que preciza elevada á altura a que é necessario que esteja, tanto como paiz maritimo e colonial como tambem para sustentarmos as gloriosas e valorosissimas tradições que temos, de que justamente nos orgulhamos, e que nenhum povo no mundo pode egualar.

Comecemos por examinar um dos alvitres apresentados por pessoa auctorisada e cuja competencia muito respeitamos, alvitre porém que se não coaduna com a nossa humilde opinião e é o seguinte: a construcção de dez bons cruzadores para n'um caso identico áquelle que vem de darse com a Inglaterra, nós podermos hostilisar aquelle paiz, atacando-o nos seus interesses commerciaes, por exemplo. A Inglaterra soffria muito desde que na altura dos Açores nós ahi os mandassemos cruzar prejudicando por qualquer maneira o seu movimento maritimo commercial; realmente isto podia dar-se assim, porém antes de entrar na pratica é preciso recordarmos que a Inglaterra para proteger a sua marinha mercante, que pouco mais ou menos é composta de 5000 vapores, (o que representa mais que a totalidade de todas as outras marinhas mercantes de vapor reunidas, entrando em linha de conta Portugal com 36 vapores e 400 navios de vella, a maior parte insignificantes hiates) e 14:000 navios de vella, não ia com certeza mandar para viagens de instrução ou fundear em mares distantes os 70 couraçados e os 80 cruzadores que possue.

O que fariam os nossos 10 cruzadores ?

Provavelmente soffrer um revez que ainda mais desastroso nos seria.

Por isto vêmos que não são 10 cruzadores sufficientes, precizamos couraçados tambem, precizamos de torpedeiros,(apenas temos 4) porque emquanto os taes 10 cruzadores *anniquilavam* o commercio da Inglaterra podiam os inglezes chegar-se mais proximo de nós, e então com que nos haviamos de defender ? Como impedir-lhe a entrada nas nossas barras, e defender toda a costa !

Por isso repetimos, precisamos de couraçados mas não como o *Vasco da Gama*, um barco construido em 1876, e que ainda até hoje apenas uma vez fez exercicio de fogo com os seus canhões mais fortes que são de 18 toneladas. Julgamos que ha o receio bem fundado de que continuando os exercicios o barco se escangalhasse; muito bem, embora seja justo o receio, se o temos só para vista, se nem ao menos serve para fazer exercicios, quanto mais para uma guerra ? Elimine-se essa verba de despeza, e com o que poupamos n'isso junto ao mais que deviamos poupar e aquillo que temos para gastar, tratemos de reformar estes chavecos. Em França e Inglaterra, etc., fazem os couraçados exercicios annuaes, o *Vasco da Gama* com 14 annos de existencia só fez um exercicio !

Este barco foi construido na casa «*Thames iron Works & Shis builders company*» em 19 de maio de 1876, e lançado ao mar no dia 1.º de dezembro do anno seguinte.

E da classe dos arietes de reducto central, podendo atirar em caça.

Mede 66^m de comprimento entre prependiculares, $13^m,20$ de largura e $8^m,25$ de pontal 2.422 toneladas de deslocamento, e 1.463 de capacidade.

Construido de ferro, tem duas quilhas lateraes, com dois fundos e dividido em 38 compartimentos estanques, de systema cellular que, podendo encher-se de agua do mar, permittem o augmento da immersão do navio.

Tem uma cinta couraçada de $3^m,30$ de largura que lhe protege a fluctuação, descendo $1^m,98$ abaixo da linha d'agua e crescendo em largura na proximidade da prôa onde chega a parte inferior do esporão.

Proximo das caldeiras tem esta couraça 24 centimetros de espessura pouco mais ou menos, diminuindo para ávante e para a ré ao minimo de 11 centimetros e o mesmo da fluctuação para baixo, sendo toda assente sobre um forro de teca (está condemnado o systema de navios de madeira forrados de ferro, os couraçados modernos são todos de aço e ferro) de 30 centimetros de espessura.

O convez do navio é completamente couraçado com chapa de 3 centimetros.

Sobre a coberta, e um pouco ávante do centro do navio, eleva-se 66 centimetros acima da tolda o reducto, de forma octogonal ligeiramente arredondada na parte superior, de $13^m,10$ de diametro interior, tendo quatro portas nas faces contiguas ás lateraes para serviço de duas peças do systema Krupp de 26 centimetros e 18 tonelladas com que é armado O reducto é saliente ao costado do navio e couraçado com chapa de 24 a 30 centimetros nas suas diversas partes.

As duas peças do reducto podem arremessar bombas de aço de 184 kilogrammas, com a velocidade inicial de 150 metros.

Estas duas peças pelo movimento rotatorio, que com apparelhos proprios, que seria longo descrever, se lhes pode imprimir, batem um arco do horisonte de 330º; os restantes 30º do circulo são batidos no caso de retirada, por uma peça de igual systema, de 15 centimetros, que pode lançar bombas de aço fundido de 35 kilogrammas com a velocidade inicial de 460 metros.

Completam o armamento interior do navio, 4 peças de calibre 9, systema *Woolwich*, e uma metralhadora de 10 canos, das officinas de *Armestrong & C.ª*

Um forte esporão de ferro arma a prôa do navio, cuja parte mais saliente dista $2^m,97$ da vertical da roda da prôa, e está 8 metros abaixo da fluctuação Quando o navio operar por si proprio, arrojando-se como um enorme projectil de 4200 tonelladas de peso e animado da velocidade de 6 metros por segundo, será de certo o esporão a sua arma mais poderosa e terrivel.

Tem este couraçado tombadilho e castello de $8^m,90$ de comprimento estando o primeiro $5^m,60$ acima da fluctuação e o segundo $5^m,90$.

Na tolda a ré do reducto tem a roda do leme, bitaculas, escótilhas e escotilhões que esclarecem e ventilam a parte inferior do navio, algumas das quaes, em occasião de combate, são reforçadas por barras de ferro de grande espessura.

O navio é movido por duas machinas de vapor de baixa pressão e invertidas, da força total de 500 cavallos nominaes e 3:200 effectivos. Estas duas machinas são inteiramente iguaes e independentes, e cada uma põe em movimento uma helice de *Griffith* de 4 pás ou abas de $4^m,62$ de diametro e que perfazem 75 rotações por minuto, podendo dar ao navio, nas mais favoraveis circumstancias, a velocidade de 13,2 milhas por hora.

Á ré do navio ha uma camara pequena e outra maior para o commandante. Segue-se a camara dos officiaes com corredores lateraes, 11 camarotes para elles, alojamento para guardas marinhas dispensas e casas de banho, etc.

Avante ha 3 camarotes para officiaes marinheiros e artifices, dispensa de artilheria e enfermaria. Entre esta e o reducto é o alojamento da guarnição, espaçoso claro e muito ventilado. Tem as necessarias cosinhas de ré e a geral avante.

Inferiormente ao plano da coberta ha os paioes dos generos e sobrecelentes, tanques d'aguada, casa de lavagem, dos fogueiros e dois vastos espaços um á ré, outro ávante onde se deve abrigar, em occasião de combate, a parte da guarnição que não estiver em serviço.

Por baixo d'este bailéo estão os paioes da polvora e dos projecteis.

O navio tem quatro embarcações ou escaleres sendo um de vapor e outro salva vidas.

Para dirigir este navio em combate ha sobre o reducto um gabinete envidraçado d'onde o commandante vê e ordena todos os movimentos necessarios. Por traz d'elle ha uma torre revestida de chapa de ferro de $1^m,10$ que serve de posto de combate em occasião opportuna.

N'uma e n'outra ha rodas de leme, que tem de ser movidas por vapor e estão em communicação com as machinas, bem como tubos acusticos que estabelecem communicações com as differentes partes e dependencias do navio.

Tal é o nosso mais poderoso navio de guerra,

que com menos idade do que elle tem, muitos outros em França e Inglaterra tem sido inutilisados por incapazes por terem artilheria superior ás forças da sua construcção.

Trateremos em seguida do *«Affonso de Albuquerque»* *«Zaire»* e *«Liberal»*,

(Continúa) *Grumete.*

A ESTRELLA DE BELEM

De alguns mezes a esta parte os jornaes da Europa e das duas Americas publicam os mais extraordinarios e assombrosos artigos ácerca da supposta volta proxima do astro lendario que conduziu os magos a Belem. Comparam esta apparição com a da celebre estrella que se accendeu de repente, ha 318 annos, na constellação de Cassiopéa; julgam que essa estrella do anno 1572 já tinha apparecido em 1264 e em 945, e fazem-n'a remontar por outros tres periodos anteriores ao anno do nascimento de Jesus. Se taes conjecturas tivessem fundamento, poderiamos esperar, com effeito, ver apparecer agora nas alturas da abobada celeste uma estrella desconhecida, temporaria, muito diversa de todas as suas irmãs, soes fixos accesos no seio das profundezas infinitas, a qual de certo prenderia a attenção ainda dos mais indifferentes, visto como se deixaria admirar á claridade do sol; e embora os horoscopios da Astrologia se dissipassem á luz da sciencia moderna, as nossas imaginações preoccupar-se-hiam e sem duvida buscariam saber se a reapparição de um astro tão celebre não andaria ligada a algum acontecimento inesperado dos homens e dos imperios.

Não ha astronomo um poucochinho nomeado que não tenha recebido centenas de cartas com referencia a este assumpto. «A estrella de Belem estará de facto para reapparecer? E' realmente periodica esta apparição, e conhece-se bem o seu logar no céo para que possamos, nas bellas noites primaveraes que se estão preparando, inspectar essa região enigmatica e surprehender alguma fluctuação de brilho de uma estrella modesta que annuncie proxima conflagração?»

São dois pontos de sciencia e historia que muito interessa elucidar.

Vejamos primeiro o que se passou em 1572.

* * *

Tinham decorrido alguns mezes depois da memoravel matança dos huguenotes na noite de S. Bartholomeu.

Ia por toda essa Europa um mal estar inquietador, e mais de um propheta sinistro predissera que a apparição celeste annunciava a volta do Homem-Deus á Terra, o fim do mundo e o dia do juizo.

Tycho-Brahe, o observador mais notavel d'essa epocha, habitava então o velho mosteiro de Herritzwaldt, na fronteira dinamarqueza. «Uma noite, diz elle, que eu observava, como de costume, a abobada celeste, cujo aspecto me é tão familiar, vi com indizivel espanto, perto do zenith, em Cassiopéa, uma estrella radiante de um tamanho extraordinario. Tomado de surpresa, não sabia se desse credito ao que os olhos me diziam. Para me convencer de que não havia illusão e ter o testemunho de outras pessoas, chamei fóra as que trabalhavam no meu laboratorio, e, a ellas e a todos que passavam, perguntei se, como eu, viam a estrella que apparecera de repente. Depois soube que em Allemanha os caleceiros e mais gente do povo haviam prevenido os astronomos.»

(Continúa). *C. Flammarion.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

Quando iam todos tres ao mesmo tempo a pôr o pé no degrau, esbarraram n'um vulto que sahia a escada n'esse mesmo momento.

Recuaram para o deixar sahir.

Esse vulto trazia um barril ao hombro.

Era o aguadeiro do primeiro andar.

A Ignacinha fez-se pallida de furia ao passo que sua mãe, a sr.ª Leitão se ruborisava de alegria.

—Não vae soltar o Qim! disse esta muito contente.

A Ignacinha mordeu os beiços com tanta gana que até fez espirrar o sangue, e murmurou com os seus botões cheia de rancor contra o Destino:

— Já é azar!

— Não vou, concordou logo com uma grande lealdade o Dominguinhos, respondendo a sr.ª Leitão.

— Vê, estava escripto lá em cima que não devia ir, acrescentou ella.

— É verdade! estou lendo agora essa sentença no livro do Destino.

— Então suba e venha jantar comnosco, convidou a sr.ª Leitão, que radiante por vêr triumphar a sua vontade, rompia n'esse excesso de amabilidade e de bisarria.

Entretanto o aguadeiro afastava-se e a menina Ignacinha toda entregue ao seu desespero, á sua humilhação de vencida, seguia-o com um olhar vago, indifferente, alheiado.

Mas de repente o barril do aguadeiro ferindo-lhe a retina, accendeu um relampago no seu cerebro.

E sem mais nem mais, tirando-se dos seus cuidados, chamou:

— Psst! Psst!

A sr.ª Leitão e o Dominguinhos que se dirigiam já para a escada, pararam admiradas ao chamamento.

— O que é? perguntou a sr.ª Leitão a sua filha.

Ella porem não lhe dava ouvidos e continuava chamando:

— Psst! Psst!

E para demonstrar bem que esses *Pssts!* não eram nem com a sua mãe nem com o Dominguinhos, a Ignacinha accrescentou:

— Psst! Psst! ó freguez!

— Freguez! exclamaram ao mesmo tempo, muito admirados a mãe e o seu paladino.

E seguindo o olhar da Ignacinha, viram que o seu chamento se dirigia ao aguadeiro que se afastava.

— Estás a chamar o aguadeiro? perguntou-lhe a sr.ª Leitão admirada.

A Ignacinha não lhe respondeu, e continuou a gritar cada vez com mais força:

— Psst! Psst! Ó freguez! Freguez!

Tanto berrou que por fim o aguadeiro parou e voltou para traz.

— É comigo? perguntou elle sem se mover.

— É, venha cá.

— Está vasio, respondeu o aguadeiro pondo-se de novo a caminho.

Mas a Ignacinha proseguiu ainda com mais violencia nos seus «Psst! Psst!»

— Estás doida, rapariga? exclamou reprehensivamente sua mãe, ao passo que o Dominguinhos olhava para a sua namorada sem comprehender nada das manobras da Ignacinha, sem poder perceber qual era o seu plano, fazendo intervir o aguadeiro do primeiro andar, nos supremos decretos do Destino.

O aguadeiro, a essa nova gritaria que o chamava, parou outra vez e repetiu, já com mau humor:

— *Já le* disse que está *basio*, vou *enxer* e...

— Ande cá, homem, gritou a Ignacinha.

— Se é para recados, *baia q'agura non faço,* tornou de lá o aguadeiro.

— Venha cá, não é para recados, explicou em altos gritos a Ignacinha.

— *Antonces* para que é? perguntou ainda o aguadeiro sem arredar pé do mesmo sitio.

— É para uma coisa, venha cá.

O aguadeiro encolheu os hombros enfastiado com aquella massada, mas por fim, como lhe mandavam, obedeceu com a passividade caracteristica da sua raça.

— *Antonces* que me quer *bocemecé*, perguntou elle aproximando-se da Ignacinha.

A sr.ª Leitão e o Dominguinhos acercaram-se tambem d'ella, curiosos por saber a significação d'aquella insistencia tão extraordinaria.

— De que terra é você? perguntou a Ignacinha.

— Hum?

— De que terra é?

— De que terra sou? *A modos* que bocemecê está a caçoar comigo?

— Não estou a caçoar, certificou muito seria a Ignacinha. Tome lá um pataco.

O aguadeiro olhou para o dinheiro que a rapariga lhe dava e mettendo-o na algibeira respondeu já n'outro tom, cheio de confiança:

— *Xim xenhora*, estou ás suas ordes.

— De que terra é, homem, diga, instou impaciente a Ignacinha.

— *Baia* que sou de Redondella.

— Onde é Redondella?

— E' ao pé de *Bigo*, para deante de Tuy.

— Então é na Galliza.

— *Baia que xim xenhor*, é na Galliza.

— Então você é gallego?

— *Xim xenhor*, tenho muita honra n'isso.

— Bom, pode-se ir embora, disse radiante a Ignacinha.

O gallego olhava para ella espantado.

— Pode-se ir embora, repetiu ella.

— *Antonces non* manda *más* nada?

— Não, vá á sua vida.

— Ai que a cachopa tem pancada na mola, resmungou o gallego afastando-se e mirando á cautella o pataco não fosse macanjo.

O Dominguinhos e a sr.ª Leitão olhavam-se e olhavam para a Ignacinha muito admirados, imaginando, tambem como o gallego, que ella não estava boa da cabeça.

— D'esta vez não valeu, disse ella por fim muito arrogante.

— Não valeu o quê?

— Não valeu a consulta do Destino.

— Ora essa! Tu endoideceste? exclamou a mãe.

— Não valeu, não senhor, insistiu a Ignacinha muito convencida do que estava dizendo.

— Essa é melhor! protestou a sr.ª Leitão. O que combinámos nós?

— Combinámos que se até nós entrarmos na escada, sahisse alguem, o sr. Dominguinhos não iria soltar o Quim, e se pelo contrario não sahisse pessoa alguma, iria soltal-o.

— Exactamente, confirmou a mãe não comprehendendo aonde ella queria chegar.

— Pois se esta consulta valeu o sr. Dominguinhos tem que ir soltar o Quim, disse a Ignacinha muito doutora.

— Tu endoideceste menina!

— Se não sahisse pessoa alguma iria soltar o Quim; não foi o que se combinou? tornou a Ignacinha.

— Foi.

— Então...

— Então o quê? Então por isso mesmo é que elle não vae soltal-o.

— Porque?

— Ora essa! Porque sahiu uma pessoa, sahiu um aguadeiro.

— Não senhor, não sahiu pessoa nenhuma.

A sr.ª Leitão abriu muito os olhos, espantadissima, sem saber se a Ignacinha estava doida ou se era ella propria que não estava boa de cabeça.

O Dominguinhos a quem esta argumentação da sua namorada fazia tambem muita bulha lá dentro, no cerebro, entendeu dever intervir.

— Mas aquelle aguadeiro sahiu, disse elle a medo.

— Querem vêr que ella atreve-se a negar ter sahido aquelle aguadeiro! disse a mãe com uma ironia muito embespinhada.

— Não nego que o aguadeiro sahisse, declarou a Ignacinha.

— Ah!

— Então... perguntou o Dominguinhos sem prever o raciocinio.

— Mas nego que sahisse alguem.

— Heim?

— Heim?

— Não ouvio o que disse esse aguadeiro? perguntou a Ignacinha.

— Ouvi.

— De que terra é elle?

— Não sei, não fiz caso, respondeu a sr.ª Leitão.

— E' de Redondella, retorquiu o Dominguinhos que tinha muito boa memoria.

— Onde fica Redondella? perguntou a Ignacinha.

— Fica na Gallisa, respondeu o Dominguinhos.

— Quem é da Gallisa como se chama?

— Chama-se gallego.

— Gallego, muito bem, tornou a Ignacinha. Ora eu desde que me entendo ouvi sempre a mamã e o papá dizerem que um gallego não é gente.

— Isso é maneira de dizer, explicou a sr.ª Leitão.

— E se um gallego não é gente não sahiu pessoa alguma da escada, sahindo esse aguadeiro, que é gallego e portanto não é gente, e não sahindo pessoa alguma da escada, venci eu e o sr. Dominguinhos tem que ir soltar o sr. Quim, concluiu a Ignacinha triumphante.

— Mas isso é uma tolice, protestou a sr.ª Leitão.

— Não, minha senhora, emendou o Dominguinhos, não é uma tolice, em philosophia chama-se a isso um sophisma, e na velha Grecia houve até uma escola philosophica que tinha por lema este genero de argumentação.

— Não quero saber da Grecia nem de velhas, tornou a sr.ª Leitão muito azeda, sahiu um homem logo venci eu.

— Um gallego não é gente, insistiu muito placidamente a Ignacinha, logo fui eu que venci.

— Mas isso não pode ser. Por esse systema vences tu sempre.

— Lá isso não, minha senhora, isso não, porque nem sempre estão a sahir gallegos da escada de Vossa Excellencia, observou o Dominguinhos.

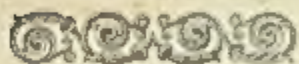
— Eu não quero fazer questão, disse a Ignacinha muito conciliadora, não quero aproveitar-me do meu triumpho, não desejo que o sr. Dominguinhos vá soltar o Quim, e levo a minha bisarria ao ponto de consentir em dar por não vallida esta consulta, e em me prestar a consultar de novo o Destino.

A sr.ª Leitão quiz protestar, mas o Dominguinhos voltou com a velha Grecia, e por fim ella cedeu.

— Vamos lá outra vez a consultar o Destino?

— Vamos, disse o Dominguinhos, mas primeiro deixem-me ir espreitar não venha ahi a descer outro gallego, senão ficamos aqui todo o dia.

(Continúa).

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

O parlamento esta-nos offerecendo o espectaculo de uma academia de oradores, para lustre da rhetorica e recreio das gentes, um torneio da palavra onde se fere rija peleja em sonoros discursos que não vencem nem convencem, sem atar nem desatar, a não ser as centenas de mil réis que se vão desatando na tal discussão do *bill* ou da didactadura, discussão que só terminará quando souber andar pelo seu pé, isto se lhe não derem ama sêca até entrar na puberdade.

Registe-se que dura ha 15 dias esta discussão e que ainda não fallaram metade dos oradores inscriptos!

Aparte os bellos discursos produzidos, pelo sr. Lopo Vaz, pelo sr. Vicente Monteiro, pelo sr. Carlos Lobo d'Avila, pelo sr. Serpa pelo sr. Beirão, pelo sr. Palha, pelo sr. Fuschini, pelo sr. que ainda não acabou o seu discurso, pelo sr. que o vae principiar, pelo sr. que já pediu a palavra e ficou inscripto em nonagessimo nono logar, aparte os prodigios de rhetorica e de talento de todos estes srs. oradores, o que é certo é que se não tivessem occorrido outros casos na politica, o parlamento não nos daria assumpto para esta revista, sob pena de entrarmos na apreciação dos prodigiosos discursos, coisa assas difficil de distringar e ainda muito mais difficil dos leitores digirirem, como formidaveis estopadas que lhes impigissimos.

Outras coisas nos fornece a politica n'estes ultimos dez dias decorridos, coisas que tem muito mais importancia que a fadigosa discussão do *bill*, ou antes da dictadura, que decerto não foi boa nem foi má, mas unicamente uma necessidade politica de occasião, de que este ou outro governo se serviria nas mesmas circumstancias, e que por fim será votada boa ou má, segundo as praticas parlamentares d'estes ultimos tempos, tendo apenas o inconveniente essa discussão de atrazar os trabalhos parlamentares, o que fará com que tenha que se prolongar a sessão legislativa, custando mais umas dezenas de contos para consolação dos contribuintes e justificação dos novos tributos.

Outras coisas diziamos nós, nos fornece a politica n'estes ultimos dez dias, e essas cousas umas são boas e outras são más, sem que vamos jurar se todas são más.

Principiaremos pela grande nova do sr. Marianno de Carvalho ir á Africa em missão do governo.

A noticia correu rapida nos noticiarios e emquanto uns discutiam a sua veracidade duvidando ou affirmando a certeza do caso, o caso resolvia-se promptamente, com uma presteza um tanto fóra dos nossos habitos, como quem aproveita o dito antes que se arrependa, e eis que a noticia é plenamente confirmada, o governo pede ao parlamento a dispensa do seu distincto ornamento e ex-ministro da fazenda o sr. conselheiro Marianno de Carvalho, para o nomear para uma commissão de confiança, em Africa.

É um pouco nebulosa essa commissão, dizendo-se que é para o illustre financeiro avaliar devidamente qual a organisação economica e administrativa das nossas colonias, assim como estudar a exploração das riquezas agricolas e mineralogicas das mesmas; mas isto diz-se vagamente, sem se saber quaes as bases d'esta missão, e quando no parlamento se perguntou ao governo qual a somma arbitrada para esta expedição, o governo respondeu muito simploriamente, que é só o pagamento da passagem do ex-ministro da fazenda, exactamente como se faz aos colonos ou aos degradados.

Ora por tão pouco não valia a pena o sr. conselheiro Marianno de Carvalho ficar em obrigação e dar azas ás linguas damnadas que enchameam n'esta pontinha da peninsula.

Sim, porque não ha quem falte em futurar grossos syndicatos, extraordinarios negocios e pasmosas riquezas, que os taes que fallam não querem explorar, mas que lhe não soffre a inveginha que outros as explorem ainda mesmo que sejam portuguezes, d'esta Lisboa do fadista e do cigarro, que se bamboleia indolente ao som da banza, estonteada pela *cambrainha*, mal estimulada pelo café de *lépes* das baiucas do Bairro Alto.

Costumes velhos que se não perdem por mais que nos queiramos amodernisar, e por mais que nos vejamos espoliados por extrangeiros.

Não sabemos nada mais da expedição do que toda a gente sabe e dissemos, concordemos plenamente que haja n'isso segredo e que convenha guardal-o. O que sabemos é que o sr. Marianno de Carvalho não é inglez, e então deixal-o ir com muita fortuna, com todo o seu talento e sagacidade desenterrar riquezas por essa Africa e afundar em alguma das caudalosas cachoeiras que serpenteiam por entre aquelle uberrimo paiz, a caveira de burro das nossas colonias.

Que esta esperança nos possa consolar de tantos desastres soffridos, como o que ainda ha pouco o telegrapho transmittiu dando a noticia do suicidio do benemerito explorador portuguez Silva Porto, no Bihe.

Não se sabe positivamente as causas que influiram para que este octogenario carregado de serviços á patria em Africa, commettesse este acto de desespero, o que por ora se sabe é que elle viu-se abandonado pelos pretos, que lhe tinham sido sempre fieis, sem os recursos necessarios para fazer valer o prestigio portuguez em uma commissão de que fôra encarregado n'aquelle paiz.

O que se deprehende d'isto é que o prestigio portuguez vae estando abalado em Africa e que as intrigas de estranhos são causa d'estes desastres, pois infelizmente repetem-se e a confirmação do morticinio da expedição Valadim é mais outra triste affirmação d'esta verdade.

O parlamento votou uma demonstração de sentimento por estes desgraçados acontecimentos, e quando se tratava de saber da sorte de uma filha, que Silva Porto tinha a educar na cidade do Porto, o governo declarou que Sua Magestade a Rainha D. Amelia já tinha providenciado n'esse sentido tomando, sob a sua protecção a infeliz criança filha d'aquelle benemerito portuguez, que depois de ter dado á patria tudo que tinha e não tendo mais que lhe dar sacrificou a vida por já não poder servir para a mesma patria.

João Verdades.

O PINTOR D. CASTO PLASENCIA — FALLECIDO EM MADRID EM 18 DE MAIO DE 1890

(Segundo uma photographia)

ESTRELLAS DA CONSTELLAÇÃO DE CASSIOPEA

VISIVEIS A OLHO NÚ — Vid. artigo «Estrella de Belem»

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores — Rua Nova do Loureiro, 25 a 43, Lisboa